

## Escola e Adolescência em conflito com a lei: um encontro (im)possível?

Autora: Luíza Michelini Vilanova (Psicologia / UFRGS) | Orientadora: Rose Gurski (Psicologia/ UFRGS)

### INTRODUÇÃO

O presente trabalho foi construído a partir de uma experiência de pesquisa-extensão realizada com adolescentes de uma instituição de socioeducação de nossa cidade. Através das **Rodas de R.A.P** (Ritmos, Adolescência e Poesia), oferecemos um espaço de escuta baseado na **livre circulação da palavra** em conjugação com **narrativas musicais** sugeridas pelos adolescentes.

### PROBLEMATIZAÇÕES: quais as possibilidades de encontro entre a escola e os adolescentes em conflito com a lei?

A partir do trabalho de supervisão, das trocas com o grupo de pesquisa e analisando os diários de experiência, fomos percebendo que a **morte** aparecia de maneira frequente no discurso dos adolescentes. Soubemos, certa vez, da morte de um dos jovens que havia participado das **Rodas** por um tempo. Na verdade, ele não havia morrido, mas, sim, **sido morto**. Nas **Rodas**, esse mesmo adolescente havia dito que parou de ir para o colégio porque, como ele ia com roupa de marca, relógios e bem vestido, a diretora desconfiou que ele estava roubando e o denunciou para a polícia. Partindo, sobretudo, desses recortes de experiência, passamos a nos questionar: **ao convocar a polícia antes mesmo de conversar com o menino, que lugar a escola acabou ocupando ou deixando de ocupar com este adolescente? Será que há, afinal, um lugar possível na escola para os jovens que começam a se envolver em atos infracionais?**

### OBJETIVOS

- Refletir sobre alguns dados referentes à evasão escolar, articulando-os com fragmentos dos diários de experiência;
- Levantar questões sobre o lugar que a escola ocupa para os adolescentes que se envolvem em atos infracionais.

### METODOLOGIA

- O corpus da pesquisa é formado pelos **diários de experiência** das bolsistas que participaram das **Rodas**; pelas **construções feitas em supervisão** e nos momentos de estudo dos **textos teóricos**;
- Os materiais de registro e textos foram analisados a partir do operador da **leitura-escuta** (Caon, 1994; Iribarry, 2003).

### EVASÃO ESCOLAR E SOCIOEDUCAÇÃO: o que nos mostram os dados?

- Segundo o INEP (2017), o **índice de evasão escolar no ensino médio no Brasil é de 11,2%**, sendo a soma das taxas da rede pública 28,1%. **A faixa etária esperada dos alunos do ensino médio é de 15 a 17 anos.**
- Dados do Mapa da Violência (2010) nos mostram que **os homicídios representam 13,9% da mortalidade de 0 a 19 anos de idade**;
- Chama a atenção que, do **total de mortes registradas de adolescentes entre 16 e 17 anos, 46% são por homicídio**, mais do que o triplo da média de 0 a 19 anos.;
- O **perfil de escolaridade da maior parte dos adolescentes vítimas de homicídio é significativamente menor** que o do conjunto da população dessa mesma faixa etária dos 16 a 17 anos.
- No período de 2015, dados da Fundação de Atendimento Socioeducativo (FASE-RS) apontaram que, do total de internos, que tem entre 12 e 20 anos, **50,23% estão entre os 16 e 17 anos.**
- Ao articularmos tais dados, **percebemos que a população de jovens entre 16 e 17 anos é justamente aquela que está mais ligada a taxas expressivas no que concerne à evasão escolar; à morte por homicídio; e a internações socioeducativas.**

### FRAGMENTOS DE EXPERIÊNCIA

As falas dos adolescentes que participaram das Rodas nos mostram um pouco do que expressam os dados:

• *“Um deles nos falou que quando estava na rua, ele ficou mais de mês sem ir para a escola por causa dos contras. Disse que ‘Se tu tá no crime, é assim’. Perguntamos se não tem como ser de outro jeito, ‘Se sabem que tu quis largar o crime vão pensar: o cara deve até tá sem arma, e é aí que vão tentar fazer alguma coisa’.*

• *“Eles demonstravam interesse em saber mais sobre a faculdade. Perguntamos se eles pensavam em fazer algum curso, mas eles disseram ‘não dá, somos um perigo para a sociedade’”.*

• *“Dona, ganhei uma bolsa em um curso de inglês, mas, não consegui ficar, não era prá mim, só tinha playboy por lá, vazei...” (Gurski 2017).*

Esses fragmentos parecem transmitir uma **certa relação da educação como um lugar inacessível para esses adolescentes**. O olhar dirigido para eles “*não lhes possibilita outras interpretações acerca do que recebem. Neste âmbito, estão a via do tráfico, da evasão escolar, da drogadição, das condutas transgressivas e violentas*” (Gurski & Strzykalski, no prelo). **Eles estão representados como os “jovens infratores” e parece haver pouco espaço para pensar outras vias de representação possíveis de si no laço social, como enquanto “alunos”, por exemplo.**

### ESCOLA E ADOLESCÊNCIA EM CONFLITO COM A LEI: da impotência para a impossibilidade

• O que a escola tem há fazer diante das realidades dos adolescentes envolvidos com atos infracionais? Ao recorrer à polícia, a escola parece se colocar numa **posição de impotência**. Gurski (2017) retoma Paulo Freire para pensar a evasão no seu avesso: não são os jovens que se retiram da escola, mas **a escola, com sua configuração e cultura, que os expulsa.**

• **O olhar da escola para esses adolescentes parece estar atravessado por julgamentos morais, não fornecendo espaço para a validação de suas experiências enquanto adolescentes e jovens que estão em um contexto de violência e vulnerabilidade.** Nesse ponto, podemos pensar que a referida impotência é guiada por um modelo moralmente idealizado de “certo” ou “errado” (Gurski & Strzykalski, 2018). Por essa lógica, **ao serem “bandidos”, não seria possível para esses adolescentes serem também “alunos”.**

• Pensamos que **a possibilidade de a educação resgatar sua função de produzir laço social passa justamente pela inclusão da dimensão da experiência** (Cabistani, 2013). A partir desse processo é que a **escola pode exercer seu caráter formador e transformador**, oferecendo **novos sentidos e possibilidades** para esses adolescentes. Assim, **da impotência ela vai à impossibilidade**, pois se **apresenta enquanto potência em meio ao impossível do que é a dimensão daquilo que se apresenta como um “sem saída” do sofrimento do outro.** (Gurski & Strzykalski, 2018).

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os dados referentes à evasão escolar e à socioeducação nos apontam para uma convergência entre as taxas de evasão do ensino médio, de morte por homicídio e de internações na socioeducação. Os fragmentos dos diários nos trazem alguns recortes das realidades desses adolescentes: **ir até a escola muitas vezes se configura enquanto um risco**, pois temem levar um tiro no caminho até lá; **eles não se sentem acolhidos ou pertencentes daquele espaço**. Isso vai de encontro com a posição de impotência que a escola parece estar, não havendo espaço possível para esses adolescentes e suas experiências. **Entendemos que ao incluir a dimensão da experiência**, fornecendo espaço para que esses adolescentes tragam suas vivências, seja elas quais forem, e se sintam pertencentes enquanto “alunos”, **a escola pode ofertar novos sentidos e possibilidades. A partir desta condição talvez a escola pudesse se apresentar como potência diante das vivências de violência, tráfico e miséria, mesmo que possa estar impossibilitada de alterá-las completamente.**

CABISTANI, R. M. (2013) A educação no fio do discurso sobre a violência. Correio da APPOA, Porto Alegre, APPOA, n. 220, p. 17-23

CAON, J. L. (1994) O Pesquisador Psicanalítico e a Situação Psicanalítica de Pesquisa. Psicologia: Reflexão e Crítica, Porto Alegre, UFRGS, v. 7, n. 2, p. 145-174.

IRIBARRY, I. N. (2003) O que é pesquisa psicanalítica? Revista Ágora, Rio de Janeiro, UFRJ, v. 6, n. 1, p. 115-138.

GURSKI, R. (2017) Educa-me ou te mato: sobre o lugar da escola na passagem adolescente. Conferência apresentada no XI Colóquio Internacional do LEPSI, USP/São Paulo.

GURSKI, R.; STRZYKALSKI, S. S. (2018). A escuta psicanalítica de adolescentes em conflito com a lei: que ética pode sustentar esta intervenção? Tempo Psicanalítico, Rio de Janeiro, v. 50.1, p. 72-98.

GURSKI, R.; STRZYKALSKI, S. S. (no prelo). A pesquisa em psicanálise e o catador de restos: enlaces metodológicos. Revista Ágora, Rio de Janeiro, UFRJ.